

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo VIII



Uma condição incomum pairava sobre os terrenos da Abadia, revelando-se através de As sombras projetadas pareciam altas, largas ou distorcidas demais para os objetos que as projetavam. Os próprios objetos pareciam muito mais distantes do que realmente estavam, e as chamas das tochas dos soldados pareciam tremular muito lentamente ou até mesmo retroceder. Outros movimentos pareciam igualmente estranhos, e a nova condição se manifestava também por meio de revelações menores, como os gritos dos homens, que soavam como chamados abafados debaixo d' água, e um zumbido persistente nos ouvidos enquanto repetiam suas próprias palavras na conversa. Os cavalos assustados batiam as patas no chão como se pressentissem um tremor. Havia também o odor peculiar — não tão pungente quanto o de rosa-brava, mas sim nocivo, com um toque de cogumelos alucinógenos. Uma inspiração profunda desse ar novo poderia facilmente confundir os sentidos como uma vertigem, e o aroma era tão perceptível quanto o cheiro de uma tempestade iminente, por mais estranho que fosse a qualquer lembrança persistente. Verdadeiramente, um estado antinatural pairava sobre a Abadia, tão horripilante quanto a recém-aberta Pedra Fundamental que o provocou.

Uma série de gritos ecoou do outro lado do pátio, e um soldado solitário correu em direção ao dormitório, passando por baixo das janelas. Uma lamparina a óleo brilhava intensamente no andar superior.

A janela do andar de cima foi aberta e ele caiu no chão. Um segundo guarda imediatamente o encontrou. Ele ajudou o homem ferido a se levantar e o conduziu para longe do prédio. Os culpados, dois jovens escudeiros, debruçaram-se na janela do andar de cima, apontando para a direção de sua fuga repentina.

Em massa, fileiras de soldados avançaram sob tochas erguidas, cercando a entrada do dormitório para impedir a fuga da congregação de padres. Um frade sênior de barba branca abriu caminho à força entre os prisioneiros de batina e cerrou o punho, pregando ao sargento de armas, que era muito alto: “Se você é um servo do Senhor, então guarde suas armas e nos dê passagem!”

O sargento gritou uma resposta: "Volte para o seu quarto, Frei!"

O monge manteve-se firme, continuando a vociferar: “Considerem a obra de Deus e de seus servos, e não as ordens do seu capitão! Só nós podemos endireitar o que vocês, homens, entortaram. Cuidado com os seus passos nesta terra sagrada e afastem-se, para que possamos corrigir o seu erro!”

O sargento gritou por cima dos protestos dos padres: “Voltem para seus aposentos! Caso contrário, haverá derramamento de sangue!” Mesmo assim, o confronto entre soldados e padres continuou, enquanto os frades saíam pela porta, comprimindo-se ainda mais em fileiras firmes. “Prendam aquele padre!” gritou um soldado, apontando para o canto do dormitório, onde estava uma silhueta encapuzada e vestida com um manto. A sombra girou e fugiu. Dois guardas a perseguiram, mergulhando nos arbustos. Folhas chicoteavam e galhos estalavam ao som dos grunhidos e gemidos de uma luta feroz.

Frei Nicolau rasgou as vestes e rosnou na cara de um guarda: " Não nos considerem incapazes, frades." Ele agarrou o colete do guarda e o puxou para perto.

“Deixem-nos ir, a nós e à nossa Abadia!”

O soldado impassível endureceu a testa. "Você parece bastante seguro de si — um desarmado padre contra um exército?"

Nicolau o encarou com raiva, pregando: "Se um exército acampar contra nós, nossos corações não temerão; e se a guerra se levantar contra nós, nisto teremos confiança."

“Confiante? Ou tolo?”, questionou o guarda. “Suas palavras podem lhe parecer certas, mas é melhor ouvir um bom conselho.” O soldado se inclinou para Nicolau e o frade estremeceu. “Não me force a nada, padre.” Novamente, Nicolau estremeceu e olhou para a ponta da faca que o homem pressionava contra seu estômago. “Volte para dentro e viva para rezar outro dia!”

“Em breve, você implorará por essas orações, soldado”, aconselhou Nicolau, retirando-se para trás de uma parede de vestes.

“Armas em punho!”, bradou o sargento-mor. Empunhavam espadas e facas compridas. Brilhou à luz das tochas. “Formar fileiras!” Como um só, os soldados convergiram para o dormitório. entrada, obrigando os frades a recuarem para dentro do edifício. Eles barricaram as portas, após o que o sargento reuniu uma fileira de guardas à sua frente. Em seguida, alinhou os homens restantes ao redor do perímetro de todo o edifício para formar uma muralha de sentinelas com tochas, a fim de proteger suas muitas janelas.

Em toda a Abadia, em frente ao edifício que abrigava a entrada das catacumbas, quase vinte soldados se aglomeravam no pátio, iluminados por tochas. Há muito haviam perdido a esperança de encontrar Lázaro nos túneis da cripta, abandonando a busca e reunindo-se para inspecionar as partes superiores da catedral. Aparições brilhantes inundavam os campanários, mergulhando entre as fileiras de estátuas grotescas. A maioria dos jovens eram recrutas recentes da companhia do Capitão Bourne, da Guarda Real de Sua Majestade. Um soldado mais velho, de cabelos grisalhos, estava entre eles, e, ao contrário dos outros, a atenção do comandante estava voltada para outro lugar. Enquanto um jovem guarda segurava uma tocha, o homem mais velho examinava uma pilha de páginas enrugadas e quebradiças. Finalmente, voltou-se para o guarda e o questionou: “E esses pergaminhos estavam dentro da cama do Menino-Diabo?”

“Sim, nós os encontramos escondidos na palha da cama”, respondeu o guarda. “Eu não sabia que você lia.”

“Posso”, afirmou o velho oficial. “Mais ou menos.”

“Então, o que está escrito?”

O oficial reposicionou os papéis, afastando-os do rosto, enquanto semicerrava os olhos sob a luz da lanterna. “A primeira página parece ser uma carta escrita por um clérigo preso que era uma espécie de tradutor.” Ele baixou o olhar para a parte inferior do pergaminho. “Por sua marca, ele se identificava como Naramsin.”

“E o que dizem as outras páginas?”, perguntou o rapaz mais jovem.

O policial balançou a cabeça. “Não consigo ler o que está escrito. Todas as outras páginas contêm uma espécie de escrita estrangeira – nada que eu tenha conseguido ler desde então.” Ele folheou as páginas restantes. “E os símbolos parecem todos iguais, embora diferentes. Talvez nem sejam palavras.”

O jovem guarda inclinou-se para o ouvido do homem mais velho, sussurrando: “Eu sei o motivo de você não conseguir ler as palavras. É a língua do próprio Diabo, eu lhe digo!”

O policial se afastou e estreitou os olhos. Em seguida, rapidamente folheou as páginas, reprimendo-o. “Você nem sabe ler, e agora afirma conhecer as marcas do Diabo?”

O soldado mais jovem se defendeu, apontando para o telhado da catedral. “Como poderia

Você explica esses espíritos voadores, se não pelo Menino-Diabo e seus feitiços secretos de linguagem demoníaca?

Um guarda próximo defendeu sua alegação perante o oficial. "Ele está falando a verdade! Só podem ser espíritos do próprio inferno!"

Completamente frustrado, o policial se virou e perguntou: "Você já viu algum espírito, filho?"

"Não", admitiu o homem.

O policial agarrou o braço do homem. "Já estive no inferno, filho?"

O homem respondeu: "Eu... Não. Mas todos sabem..."

"Então, como você pode ficar aí parado e me dizer que estamos vendo espíritos do Inferno?" O velho soldado soltou o braço e colocou as mãos na cintura antes de olhar para cima. "Por minha parte, nunca vi nada parecido com espíritos, demônios ou fogo do Inferno; contudo, não tenho o hábito de espalhar medo e mentiras entre esses homens. A verdade é que nenhum de nós sabe o que estamos testemunhando aqui."

As portas se abriram de repente e os soldados se viraram, avistando dois guardas engasgando e cambaleando em direção a eles. Os guardas caíram de joelhos, ofegantes. Os soldados os cercaram, resgatando suas tochas em chamas do chão, onde os guardas as haviam deixado cair. Tossindo bastante, um dos guardas os informou sobre um incêndio violento nas profundezas das catacumbas. Ele recuperou o fôlego e olhou para cima, acrescentando: "Não conseguimos ver mais nada, por causa da fumaça". Sob a luz das tochas, os soldados viram lágrimas negras e listras brancas escorrendo pelas faces cobertas de fuligem.

Novamente, o homem mais jovem dirigiu-se ao oficial, apontando para a porta. "E como você explicaria túneis de pedra que explodem em chamas, senão pela feitiçaria demoníaca? do Menino-Diabo?"

Os soldados passaram correndo pelo oficial, procurando o fogo, e quando o rapaz se virou para segui-los, ele o agarrou pelo braço, quase o derrubando. Tomou a tocha dele, dizendo: "Não vou ficar no escuro enquanto você persegue as chamas, rapaz."

"Você não deseja procurar o fogo?"

O oficial fleumático deu uma risadinha. "Talvez você pudesse dar-lhes um momento para voltarem, cegos e sufocados. E se algum deles conseguir prender a respiração o tempo suficiente para encontrar o fogo, não terá pensado no que poderia fazer então, nem mesmo urinar nas chamas antes de fugir da fumaça." Ele balançou a cabeça antes de gesticular em direção à porta. "Mas junte-se a eles, mesmo que isso lhe cause dor."

O jovem saiu correndo pela porta. O policial se virou para os dois homens que ainda estavam parados.

sufocando no chão. "Bem, você não deseja seguir os outros?"

Um deles se levantou com dificuldade e respondeu: "Continuaremos aqui".

"A gente aprende rápido quando a dor é o nosso guia", comentou o soldado, divertido, antes de respirar fundo. "Então, venham comigo. Preciso de água e muitos baldes." Os três homens caminharam em direção ao refeitório em busca do poço da Abadia.

O sargento de armas saiu do dormitório e marchou rigidamente em direção ao balneário. Ao se aproximar da entrada do prédio e cercar alguns soldados, gritou: "Conseguiram alguma confissão?" O sargento se colocou entre eles e as tochas se abriram, revelando um soldado baixo e sujo, de um braço só, sem o braço direito. A seus pés, um chorando, Thateus sentou-se no chão, com as costas encostadas na parede da casa de banhos. O homem virou-se, limpando sangue e cabelos dos dedos na perna da calça, ele respondeu ao sargento com voz rouca: "Eles ainda não revelaram o paradeiro do Garoto-Demônio. No entanto, estão perto de ceder, senhor."

O sargento notou um capuz rasgado e enlameado no chão, perto de suas botas. Então, examinou a área e avistou um guarda parado à parte dos outros homens, com o rosto abatido e uma expressão preocupada. A seus pés, outro jovem clérigo deformado jazia quebrado e quase nu. Não fosse a névoa constante da respiração de Miguel, o garoto poderia ter sido um pequeno cadáver. "Sua luz", ordenou o sargento, pegando uma tocha do soldado mais próximo. Ele se agachou diante de Thateus, inspecionando sua aparência grotesca antes de oferecer: "Diga-nos onde o escudeiro Lázaro se esconde e você poderá retornar ao dormitório". Thateus apenas chorava. Sua cabeça balançava como se estivesse pesada demais para ele sustentar. "Muito bem", disse o soldado, levantando-se e virando-se, antes de informar o homem de um braço só: "Não se deixe impressionar pela aparência dele. Ele é apenas um menino, e meninos podem ser quebrados." Os soldados suspiraram e se remexeram, refletindo sobre o momento constrangedor e a passagem dolorosa e arrastada do tempo. Ele questionou o soldado que tinha o braço amputado. "O capitão ainda está na igreja?"

"Não o vi", respondeu o homem. O sargento abriu caminho entre os guardas enquanto cuspiu: "Encontrem um equilíbrio! Espero confissões, não meninos mortos. E não encostem a mão nele." o monge."

Olhando em volta, o soldado de um braço só perguntou: "Que monge, senhor?"

"Ele já está a caminho", respondeu o sargento, parando ao lado de Miguel, inconsciente e exposto. Ordenou ao guarda que o cobrisse, e o homem abruptamente retirou o próprio colete, envolvendo o menino. Com um aceno de aprovação, o sargento desapareceu na escuridão de o pátio.

No canto norte da Abadia, soldados armados faziam guarda na entrada lateral da catedral, como uma fileira de estátuas. *TINK!* Uma pequena pedra ricocheteou no capacete de um deles.

Os guardas e ele perscrutaram a escuridão. *TUM!* Uma pedra maior atingiu o capacete de outro soldado, entortando-o. Ele avançou, agarrou o cabo de sua espada, e vasculhou as sombras em busca do culpado.

"Um atirador de pedras", sussurrou o primeiro guarda.

"E eu o reduzirei a pó", rosnou o segundo sentinela, desembainhando sua arma. voltando às fileiras.

Crash! Uma enorme seção da borda superior da catedral se despreendeu e os destroços explodiram. A avalanche lançou os homens para longe. Quando a avalanche passou, eles estavam estirados no chão, machucados, atordoados e olhando estupefatos para o teto.

O capitão Bourne, furioso, irrompeu pelas portas da catedral. Ele iluminou a entrada desprotegida com uma tocha e descobriu seus soldados cobertos de poeira estendidos no chão próximo. Gemendo, esfregando as cabeças e olhando para cima, os homens saltaram de pé e correram de volta para seus postos de guarda cobertos de destroços, no mesmo instante em que dois frades desgrehados saíram pela porta da igreja e tropeçaram em pedras soltas. Bourne afastou-se da porta e passou entre as pedras caídas — a maior delas poderia facilmente ter esmagado um homem. Clódio e Greville o seguiram. O capitão ergueu o olhar e descobriu que uma grande parte da beirada do telhado estava faltando. Por fim, voltou para a fileira de soldados e agarrou o braço do guarda mais alto, questionando-o: "Eu não ordenei que vocês trancassem essas portas?"

"Perdoe-me, capitão", respondeu o soldado. "A igreja quase nos matou neste exato momento."

Bourne o sacudiu. "Que se danem as pedras da igreja! Você deixou o Cardeal passar?"

"Sim, senhor. O senhor afirmou que ninguém deveria entrar por estas portas. O Cardeal saiu, por ordem do senhor, segundo ele, para buscar outro frade para ajudá-lo."

O capitão cerrou os dentes e rosnou bem na cara dele. "Eu não dei tal ordem."

Clódio avançou apressadamente. "Capitão, seus homens notaram o Cardeal carregando pajens?"

Bourne soltou-o. "Responda ao frade."

"Sim, muitos papéis."

Greville enxugou os olhos, finalmente recuperando o fôlego. Esfregou a nuca, ponderando sobre as ações curiosas do Cardeal Blasi. "Então ele foi ao dormitório buscar um frade? Capitão, estávamos à disposição e éramos capazes de ajudá-lo."

“Ele foi para o dormitório?”, perguntou Bourne.

“Não, senhor. Ele caminhou em direção ao portão norte da Abadia”, admitiu o soldado, apontando na direção indicada. “Ele parecia ferido — precisava de ajuda, como disse.”

Bourne empurrou o soldado para fora da formação e o prensou contra a parede da entrada. “Seu idiota! O sargento de armas manteve os frades confinados no dormitório! O único prédio fora dos muros da Abadia—” O capitão se interrompeu e se virou para Clódio, estreitando os olhos. Sob a luz da tocha, o frade observava o sangue fugir de seu rosto. Bourne soltou o soldado e balançou a cabeça, considerando uma possibilidade que começava a surgir. “Ele não faria isso—certamente, não um cardeal.”

Ele caminhou em direção à porta e gritou para o interior da catedral: "Todos os homens, reúnam-se no pátio sob o comando do sargento de armas!" Enquanto uma centena de soldados molhados e sujos saía da igreja, Bourne retirou três deles para o lado. “Vocês, homens, me acompanharão. Preparem suas armas.” Ele se virou para Clódio e apontou o dedo para o peito dele. “Se eu não recuperar este Cardeal—” Bourne então disparou em direção ao portão norte da Abadia, com três soldados em seu encalço. Parou brevemente no portão, interrogou os guardas que ali estavam, sacudiu sua tocha e empurrou um porteiro ao chão antes de sair correndo da Abadia. Por fim, diminuiu o passo para uma passada rápida e recuperou o fôlego ao se aproximar dos estábulos.

Dentro dos estábulos, cavalos ariscos bufavam e batiam os cascos no chão, roendo os freios e puxando as rédeas presas. "O Capitão está chegando!", exclamou um dos vários soldados responsáveis por proteger os cavalos e as instalações. Homens correram pelos estábulos, assumindo seus postos, e o soldado mais velho ficou em posição de sentido ao lado da entrada do celeiro.

"Prendam o Cardeal!" gritou Bourne, aproximando-se do soldado.

"Capitão?" perguntou o soldado.

“Ele não está aqui?”

“Não, senhor.”

Bourne parou e lançou um olhar perplexo em direção à Abadia.

“Ele já está a caminho, capitão”, acrescentou o soldado.

Bourne se virou bruscamente. "Certamente, você não o deixou simplesmente ir embora!" Ele correu para os estábulos e passou sua lanterna pelo local, inspecionando o interior.

O soldado o seguiu. "Ele cavalga até a aldeia de Murat — para buscar o frade, como você ordenou."

“Eu não dei tal ordem, seu imbecil!” Bourne bateu com força em uma estaca do celeiro e encarou um espaço vazio. espaço entre as fileiras de cavalos atrelados. “Onde está o meu?”

O soldado hesitou em responder. "Sua Eminência... hum... o Cardeal alegou que o senhor desejava... Ele disse que o senhor ordenou que ele levasse o seu... era o cavalo mais confiável."

Bourne empurrou o soldado para trás. "Claro que ele poderia dizer isso!" Ele examinou os rostos dos outros guardas do estábulo. "E ele não estaria errado em presumir isso — já que é o cavalo do seu Capitão !" Ele balançou a cabeça, quase rindo incrédulo. "Você deu a ele o meu próprio cavalo?"

"Ele é um cardeal da Santa Sé, capitão", respondeu o guarda. "Não estávamos aqui para auxiliar Sua Eminência?"

Bourne respirou fundo. "De fato, como se esqueceu de mim", disse com um aceno de cabeça antes de se virar para os outros homens. "Preparem quatro cavalos — os mais rápidos e descansados." Ele escolheu quatro homens. "Vocês irão persegui-lo. Capturem o Cardeal e seus documentos. Preparar." "Vocês mesmos vão cavalgar." Os homens se aglomeraram contra a parede do celeiro, aliviando-se enquanto seu capitão dava mais instruções em meio a sons de gorgolejo. "Só há Uma estrada sai desta Abadia. Quero que vocês dois, os menores, se movam como o vento e diminuam o passo até chegarem a Murat. Depois disso, vocês deverão retornar e conduzir seus cavalos sob a proteção apenas das sombras, enquanto procuram silenciosamente pelas margens das estradas e matagais por um Cardeal ferido escondido." Ele deu um tapinha nas costas dos dois soldados maiores. "Vocês devem pegar o cavalo mais lento e cavalgar firmemente." em direção à aldeia, e não ultrapasse os dois homens que vão à sua frente — você sabe o que espero. Quero o Cardeal e todos os seus documentos de volta para mim — e sem ferir nem mesmo o seu dedo mínimo."

"Sim, capitão", responderam eles, recompondo-se e preparando seus cavalos. Bourne tirou o capacete, jogou o cabelo para trás e olhou para o espaço vazio onde seu cavalo pessoal estivera amarrado. Voltou-se para o guarda mais velho, com fogo nos olhos. "E de todos os cavalos nestes estábulos, o Cardeal queria que você acreditasse que ele deveria pegar apenas um cavalo — o meu — e buscar um suposto padre em Murat?"

"Perdoe-me, Capitão", respondeu o soldado, desviando o olhar do olhar fulminante. "Se soubéssemos—"

"**Crash!**" Bourne girou e bateu com o capacete na cabeça do soldado, derrubando-o no chão antes de jogar o capacete no peito do homem inconsciente. "Eu e um cardeal não! Eu e um santo não!", bradou Bourne. "Eu e Deus não! Suas ordens vêm de mim, somente de mim!"

Um soldado montado esporeou seu cavalo para avançar. "Vamos partir agora, capitão?"

"Depressa!" gritou Bourne, acenando para que seguissem em frente. Os quatro homens a cavalo dispararam para fora dos estábulos, o trote estrondoso de seus cavalos desaparecendo na noite. No prolongamento

Em silêncio, um aparentemente impassível Bourne encostou-se a um poste do estábulo e olhou para o céu, descobrindo uma lua cheia — e, visivelmente capturada nela, não pôde deixar de discernir uma semelhança perfeita com o rosto sem pele de Frei Grate .

Bourne saiu dos estábulos com seus três soldados. Mal havia entrado pelo portão da Abadia e ordenado aos homens que se juntassem às fileiras existentes junto à catedral, quando uma multidão de soldados e sacerdotes convergiu para ele: Clódio, Greville, o alto sargento de armas e o mais velho, oficial de cabelos grisalhos. Bourne interrogou o soldado alto. “Entendo que os padres O dormitório é seguro?

“Sim, Capitão. E o frade gordo está sob minha custódia — na casa de banhos.”

Bourne assentiu com a cabeça, dando-lhe um tapinha no braço. Virou-se para o velho oficial. "E quanto à busca pelo Garoto-Diabo?"

“Reviramos todos os túneis, criptas e espaços estreitos — nenhum sinal dele. Além disso, agora há um incêndio nos túneis. Juntei baldes perto do poço da Abadia”, ofereceu o homem, apontando na direção do refeitório. “Devo apagar as chamas?”

O capitão analisou o terreno antes de responder. "Não, que queime." Olhou diretamente para o oficial. "Quero as catacumbas seladas e vigiadas. Se ele se esconder nos túneis, então eu..."

"Vamos expulsá-lo à força." Bourne estalou os dedos, apontando para o portão sul da Abadia.

“Reúna os homens que lhe restam e cerque o cemitério. Vire cada lápide. Derrube cada árvore.”

Se ainda assim não o capturarem, deverão posicionar vários sentinelas nas sombras para vigiarem secretamente o terreno, à procura de qualquer sinal dele.” Bourne respirou fundo e assentiu, dizendo em voz alta, ainda que apenas para se convencer: “Em breve, ele estará sem lugar para se esconder.”

Clódio aproximou-se do soldado e pigarreou. O oficial respondeu, escorregando. Naramsin tirou um rolo de páginas frágeis debaixo de sua batina. “Aqui está, Capitão”, ofereceu ele , entregando o rolo a Bourne. “Antes do incêndio, encontramos estes papéis escondidos na cama do menino.” Ele passou o dedo indicador entre Clodius e Greville. “Esses frades os consideram significativos — talvez até úteis.”

Bourne lançou um olhar penetrante para Clodius. Entregou sua tocha a Greville e desenrolou os pergaminhos, ordenando ao oficial que iniciasse a busca no cemitério.

"Estarei na casa de banhos. Traga o Menino-Diabo, se o capturar."

“Sim, capitão.” O velho soldado se despediu com uma breve reverência.

Bourne ordenou ao sargento de armas: "Retire os homens da catedral. Leve-os para o dormitório e reforce suas fileiras."

"Sim." O sargento alto assentiu com a cabeça e se retirou.

À luz da tocha de Greville , Bourne examinou a carta de Naramsin enquanto o sargento reunia uma centena de soldados e os fazia marchar pelo pátio.

Finalmente, Clódio falou. "Se lhe aprouver, Capitão, gostaríamos de trocar algumas palavras com o senhor." Bourne apenas assentiu com a cabeça, continuando a ler.

Greville balançou a cabeça, acrescentando: "Nunca me dei conta disso em todos esses anos, e eu deveria ao menos ter suspeitado, que Lázaro é realmente um Grotesco sobrevivente — Mãe de Deus!" Ivan o escondeu sob um rosto coberto, dentro das catacumbas, pois a luz do sol certamente o teria destruído. Tudo faz perfeito sentido agora, considerando tudo. Os sinais sutis estavam por toda parte — talvez tenhamos escolhido coletivamente ignorá-los." Ele se afastou e olhou para cima, em direção às fileiras de estátuas no telhado da catedral.

Bourne agarrou a mão de Greville e apoiou brevemente a lanterna sobre as páginas enquanto lia a última parte da carta de Naramsin. Em seguida, rapidamente enrolou as páginas novamente e estreitou os olhos para... Clódio. "Durante minha estadia em sua Abadia, você se tornou minha única e principal distração." Bourne bateu no pergaminho que tinha na mão, repetidamente, enquanto considerava a possibilidade de ouvir mais uma palavra sequer daqueles frades enfadonhos que ele passara a detestar.

Clódio enrijeceu. "Eu imploro, Capitão. Esses pergaminhos são muito antigos e delicados." Talvez eu seja encarregado de guardá-los?" Clodius estendeu a mão para o rolo de páginas , mas Bourne o arrancou de suas mãos, franzindo a testa. Ele o guardou no colete e, em um tom mais ameno, propôs um acordo. "Vocês dois podem me acompanhar até a casa de banhos e compartilhar o que sabem sobre os documentos. No entanto, em troca da minha audiência, espero sua total colaboração na casa de banhos. Pretendo arrancar uma confissão do frade gordo sobre o paradeiro do Menino-Diabo."

Clódio lançou um breve olhar para Greville e assentiu. "E nós o ajudaremos, Capitão."

"O frade gordo", disse Bourne, "mais uma vez, como é que ele se chama?"

"Delon", sugeriu Greville. "Delon Odino. Ele também é um frade sênior e conhece bem a Pedra Fundamental."

Clódio acrescentou: "E o Grotesco — o Menino-Diabo que você procura — atende pelo nome de de Lázaro, Capitão."

"Odino", comentou Bourne, estalando os nós dos dedos enquanto marchava em direção à casa de banhos.

"Agora, fale-me sobre esses documentos."

Greville iluminou o caminho enquanto Clodius informava Bourne sobre o que possuía. "Esses documentos foram escritos por um Grotesco há quase trezentos anos. Pelo que pude apurar do primeiro página, este Grotesco traduziu as inscrições da Pedra do Portal na íntegra. Agora ouça

Eu, Capitão, já reuni centenas de frades seniores em inúmeras encadernações na tentativa de decifrar as inscrições. Como também somos frades seniores, até mesmo nossas próprias encadernações jazem no scriptorium, em meio a uma coleção secreta de obras. Em toda a história desta Abadia, nenhum frade jamais traduziu as inscrições, ou assim concluímos. Agora descobrimos que um único Grotesco parece ter tido sucesso onde centenas de nós falharam. Além disso, Lázaro é um Grotesco. Ele é capaz de ler e escrever em várias línguas, como pude constatar. E seus homens encontraram os documentos em sua posse. Dito isso, agora tenho certeza de que as inscrições na Pedra do Portal são de uma língua que somente um Grotesco pode decifrar.

Bourne parou e se virou. “Você sabe por que sou Capitão da Guarda Real de Sua Majestade?” Com astuta ironia, Bourne respondeu à própria pergunta. “Vejo as coisas como elas são, ou como poderiam ser, e nunca como elas não são.” Clodius deu um passo para trás e encarou a cicatriz na bochecha do Capitão enquanto continuava. “Você diz que o Menino-Diabo é um Grotesco e que apenas um Grotesco pode decifrar as marcas.” Contudo, o Cardeal não tinha nem orelhas de gato nem dentes de cachorro, e demonstrou ser perfeitamente capaz de comandar aquela pedra com seus próprios documentos. E como me lembro de suas palavras serem em latim, tenho certeza de que ou vocês estão me fazendo perder tempo com histórias mirabolantes sobre figuras grotescas, ou este Cardeal traduziu as inscrições quando todos vocês, padres, falharam. Agora, qual das duas opções é a correta?

Greville balançou a cabeça. “Eu vi as páginas do Cardeal. Eram tão antigas quanto as páginas em sua posse, Capitão. Por que ele escreveria suas palavras em folhas tão delicadas e frágeis?” Greville se virou para Clodius. “Acho que não. Como Cardeal do Conselho Superior, ele tem acesso irrestrito ao Arquivo Apócrifo.” Clodius assentiu. “Será possível que as traduções em sua posse também tenham sido escritas por este clérigo de Naramsin?”

Bourne tirou as páginas enroladas do colete, desenrolando-as enquanto perguntava: “Então, com essas páginas, vocês têm os meios para fechar a pedra — mesmo sem o Cardeal e seus pajens?”

Clódio respondeu: “Sim e não, Capitão. Com essas páginas, talvez eu consiga fechar a Pedra do Portal; contudo, se minhas suspeitas estiverem corretas, precisarei da companhia de Lázaro — o escudeiro Grotesco — para me servir de tradutor.” Bourne folheou as páginas às apalpadelas, vendo apenas marcas semelhantes a hieróglifos. Seu humor se tornou sombrio.

“Precisamente, Capitão”, disse Clódio, erguendo o queixo com dignidade e oferecendo a Bourne um sorriso breve. “As páginas contêm apenas marcas — nenhuma tradução. O senhor precisa nos entregar o Grotesco antes que possamos prosseguir. E resta saber se isso acontecerá.”

Bourne mordeu o lábio, enrolou as páginas apressadamente e as guardou sob o colete. Investindo Em seguida, agarrou duas mãos cheias da túnica de Clódio e puxou o frade para si. Greville recuou, o olhar assustado fixo no verde ardente dos olhos do Capitão enquanto repreendia Clódio e suas artimanhas. "Você parece ansioso para me retratar como uma espécie de espectador tolo — pendurado em cada palavra da sua história que se desenrola lentamente!" Apertou o aperto e puxou o frade petrificado ainda mais para perto de sua barba, até que Clódio sentisse as gotas de saliva e o hálito quente de cada palavra. "Ou talvez você me veja como uma espécie de personagem patético em uma história que você prolonga propositalmente, mesmo quando minha paciência se esgota ! Qual das duas?" Sacudiu-o. "De modo nenhum!" Clodius exclamou, ofegante. "Perdoe-me, Capitão. Meu único desejo é ajudá-lo!"

Satisfeito com a submissão do frade, Bourne o libertou. "E você também o fará." Clódio ajeitou suas vestes enquanto Bourne discutia abertamente seu plano de ação com Greville. "Já que tenho as inscrições na pedra, interrogarei agora o frade gordo, procurarei e capturarei o Menino-Diabo e o farei traduzir as palavras necessárias para fechar a pedra." Bourne voltou-se para Clódio e o aconselhou, apontando o dedo: "A partir deste momento , você só me dirá o que eu preciso saber, nem uma palavra a mais, nem uma palavra a menos, para que eu não me esqueça de que você é um homem da Igreja. Entendeu o que eu quis dizer?"

Clódio assentiu com a cabeça, e os dois frades trocaram breves olhares antes de seguirem apressadamente Bourne, que agora avançava em direção às termas. O Capitão contornou a esquina da frente das termas ao som da voz estrondosa de Odino, que gritava de dentro do edifício. "Eles não sabem de nada, eu digo! Deixem os rapazes irem embora. Entrem aqui e façam o mesmo comigo e "Vou arrancar-lhe o único braço bom!"

— Chega! — rosou Bourne. O soldado de um braço só soltou Thateus e avançou, ficando em posição de sentido assim que o jovem escudeiro deslizou pela parede. Vários guardas surgiram repentinamente do canto mais distante da casa de banhos e se apresentaram como se estivessem prontos para o combate. homens. O capitão olhou para Thateus e Miguel antes de interrogar o soldado. "O quê Essas são as ações, e por ordens de quem ?

"Obtemos confissões, senhor, para descobrir o paradeiro do menino demoníaco."

Bourne tirou a tocha de Greville e a enfiou na mão do soldado. De repente, a voz de Odino ecoou pela escuridão do interior do prédio. "Não há nada a fazer." "Extraia! Desamarre-me e eu extrairei seu outro braço. É tudo o que você consegue fazer com esse seu membro de perna de pássaro, batendo em um jovem escudeiro!" O soldado de um braço só revirou os olhos, ignorando as palavras de escárnio de Odino, enquanto informava ao Capitão que suas ordens vinham do Sargento de Armas. Bourne lançou um olhar cúmplice entre os dois.

Antes de responder, ele espancou os jovens escudeiros. “Pela aparência deles, você sabe tão pouco quanto sabia no início. Contudo, se deseja matá-los sob o pretexto de obter uma confissão, fique à vontade para continuar.” Ele gesticulou na direção de Thateus e, em seguida, na direção dos guardas. “Talvez todos os homens à sua frente desejem testemunhar seus métodos rigorosos.”

“Eu... hum... não creio que estejam dispostos a confessar, capitão”, admitiu o soldado. Bourne inclinou-se para perto do rosto dele e rosnou: “Então talvez eles não saibam do paradeiro dele? O que você acha?”

“Sim, capitão”, respondeu o soldado, assumindo uma postura de sentido ainda mais rígida.

“Então levem esses meninos de volta para o dormitório!”

O soldado se virou com a tocha, curvando-se brevemente sobre Thateus antes de se levantar novamente. Ele percebeu que não tinha uma mão livre para ajudar o menino a se levantar. Greville zombou e Clodius o encarou com raiva. Bourne ordenou que os soldados levassem os meninos espancados para o dormitório. Ele posicionou os demais do lado de fora da entrada da casa de banhos e sussurrou ao homem de um braço só: “Você é meu portador da tocha. Você aprenderá o método correto para extrair uma confissão.” Ele acompanhou o guarda para dentro do prédio.

As sombras se dissiparam e a tocha revelou um Odino de rosto vermelho e sujo, com os pulsos amarrados a uma coluna de madeira no centro do chão da casa de banhos. Bourne aproximou-se do monge e o examinou. A manga esquerda da túnica de Odino estava rasgada e ele estava de pé apenas com a sandália direita, o outro pé descalço. “Por favor, perdoe meus homens se o trataram com aspereza. Em meio a deveres urgentes, às vezes eles são negligentes com as convenções sociais.” Ele deu um tapinha no ombro de Odino. “Assim que eu o levar de volta ao dormitório e lhe der roupas limpas, farei com que os responsáveis pelo seu mau tratamento sejam severamente punidos.”

Odino rosnou. “Talvez você pudesse corrigi-los como fez com Frei Ivan?”

Bourne cerrou os dentes e os dois trocaram olhares à luz das tochas. Ele circulou o monge amarrado, inspecionando-o cuidadosamente. Odino avistou Clodius e Greville saindo das sombras. “O que vocês, seus vermes, estão fazendo aqui? Não estão?” “Tem catacumbas para supervisionar?” Clódio olhou para Odino com desdém, com um olhar altivo de patrício.

Bourne encarou Odino de frente. “Meus deveres e problemas não lhe dizem respeito. Não desejo nada a ninguém.” “Que mais males recaiam sobre os sacerdotes desta Abadia.” Ele apontou para Clódio e Greville. “Viram? Seus irmãos da Igreja têm liberdade para circular pela Abadia.” Greville cruzou os braços e deu de ombros, como quem dá de ombros. Odino lançou um olhar fulminante ao Capitão, sabendo que ele havia

Seus soldados aprisionaram os sacerdotes e escudeiros dentro do dormitório. Bourne prosseguiu: "Cortarei suas amarras neste exato momento. Contudo, para isso, preciso de um pequeno favor de sua parte. Procuro um escudeiro que atenda pelo nome de Lázaro. Diga-me onde ele está e eu o enviarei." Bourne inclinou-se e sussurrou ao monge acorrentado: "Dou-lhe minha palavra como Capitão da Guarda de Sua Majestade."

Odino zombou dele com um sussurro: "Vá perguntar ao pai dele onde ele está!" Cuspiu na barba de Bourne. O Capitão recuou o punho, mas baixou o braço abruptamente. Enxugou a face e acenou, chamando Clódio e Greville. Os dois frades se aproximaram e, percebendo as páginas enroladas no colete de Bourne, o olhar ganancioso de Clódio permaneceu fixo nelas enquanto o Capitão falava. "Permitirei que vocês fiquem algum tempo na companhia solitária dos frades para que a gentileza da razão sacerdotal prevaleça." Bourne respondeu com um gesto rápido. Pegou a tocha do guarda e a entregou a Greville, acrescentando em voz alta o suficiente para Odino ouvir: "Enquanto ele ainda tiver dentes na boca". Saiu da casa de banhos, deixando os três frades para si mesmos.

Clódio dirigiu-se a Odino com um sorriso persuasivo. "Tivemos nossas divergências e, da minha parte, peço que me perdoe."

"Perdoar?", perguntou Odino, incrédulo. "Foi pelas suas mãos que Ivan morreu e que estou preso a este posto! E quanto ao destino miserável que você me impôs?"

Lázaro, agora abandonado e destinado a perecer? Como irmão da Igreja, não tens nenhuma compaixão, nenhuma vergonha, nenhuma piedade, nenhuma misericórdia, especialmente pelo pobre Lázaro?

Clódio lançou um olhar para Greville antes de se defender. "Foi o Capitão quem ordenou sua prisão."

"Estou bem ciente de suas intenções", exclamou Odino. "Você tem trabalhado com o Cardeal contra Ivan e contra mim, numa tentativa de salvaguardar seus cargos como supervisores do "Catacumbas!" Clodius bufou, surpreso. Odino olhou por cima do ombro, observando a latrina que Ivan usara para fingir sua fuga. "Clodius, eu imploro. Como servos em Cristo e irmãos desta Abadia, desamarre-me — permita-me a chance de me libertar. Você sabe que, em troca, eu lhe ofereceria o mesmo."

Greville apontou para a entrada. "O Capitão está logo ali fora, e eu não quero ficar amarrado junto com vocês!"

Clódio concordou, acrescentando: "Não há meios fáceis de escapar."

"Há um meio, Clódio. Você pode me ajudar sem parecer que participou disso. Posso lhe assegurar—"

— Basta! — exclamou Clódio. — O capitão o libertará quando confessar o paradeiro de Lázaro. Falo em nome de todos os frades desta abadia ao pedir que ponha um fim nisso.

loucura."

"Você espera que eu o abandone?"

"Você nos abandona a todos, inclusive a si mesmo! O Capitão matou Ivan por tê-lo contrariado. Não repita o erro dele. Agora, diga-me onde Lázaro se esconde!"

Odino baixou o olhar, visivelmente derrotado. Observou o chão e sorriu fracamente.

"Talvez você esteja falando a verdade. Se você me der a sua palavra, como homem de Deus, de que não pretende prejudicar o menino, então eu o levarei até ele."

Greville deu um passo à frente, mas Clódio agarrou-lhe a manga. "Você nos toma por tolos,

Odino? O Capitão está bastante ansioso para libertá-lo, assim que Lázaro estiver sob sua custódia."

Odino olhou para a entrada da casa de banhos antes de sussurrar: "Não posso abandonar Lázaro — o Capitão o matará tão rápido quanto Ivan. No entanto, prometa-me que o tirará da Abadia e eu lhe direi onde ele se esconde. O destino de Lázaro está em suas mãos!"

Os dois frades trocaram olhares. Clódio concordou. "Muito bem, então. Dou-lhe a minha palavra." que Lázaro deixe os terrenos da Abadia. Agora, diga-me onde ele está.

Odino assentiu com a cabeça, sussurrando ao frade sem princípios: "Você é um bom homem, Clódio. Eu sou." em sua dívida. Lázaro se esconde no—" Ele olhou para a porta e murmurou o resto das palavras propositalmente.

"Mais uma vez, se me permite", disse Clódio, aproximando-se ainda mais. "Onde ele está?"

Odino encostou as costas firmemente no poste e sussurrou mais uma vez: "Lázaro se esconde—" E chutou o peito de Clódio com força. O sacerdote foi arremessado para trás, rolou pelo chão e agarrou o peito. Greville correu para socorrer seu mentor ofegante.

"Eu não sou Judas Iscariotes!", rosnou Odino. "Eu protegi Lázaro. Jamais o abandonarei, nem a seu pai — por ninguém —, especialmente por soldados e seus sacerdotes fantoches!"

"Capitão!", gritou Greville. "Capitão!"

Bourne e seus homens irromperam pela porta, cercando os dois frades. O capitão olhou para Odino, que apenas deu de ombros. "Que bela demonstração de gentileza sacerdotal", resmungou Bourne. "Vejo que há outro frade com fogo nas veias." Ele ordenou que Greville ajudasse Clodius a sair da casa de banhos. Em seguida, ordenou que dois de seus homens imobilizassem as pernas de Odino. Odino chutou-os, e o capitão chamou mais soldados. Somente quando o frade foi devidamente amarrado, ele se apresentou. "Vou lhe dar mais uma chance de se redimir. Onde você escondeu o Menino-Diabo?"

"O que é um Garoto-Diabo?" perguntou Odino. "Nunca vi nada parecido—"

Bourne socou o peito de Odino com o punho . Ele respondeu ao padre que tossia: "Mais uma vez, onde está o Garoto-Diabo?"

"Em todos os meus dias, nunca vi um Garoto-Diabo—"

A mandíbula de Odino estalou sob o impacto de outro punho. Sangue e saliva voaram.

Bourne berrou: "*De novo*, o Garoto-Diabo?"

"Eu te perdoo, Capitão", disse Odino, arrastando as palavras. "Que o Senhor te mostre—"

Odino curvou-se sob o impacto de mais um golpe.

"O *Menino-Diabo?*", perguntou Bourne.

Odino ergueu a cabeça, forçou um sorriso e piscou-lhe de forma desajeitada. O sangue de Bourne ferveu.

Depois disso, Odino sofreu a fúria desenfreada de um capitão que, em sua breve estadia na Abadia, presenciara mais horrores inexplicáveis, erros imperdoáveis e completa tolice do que em todos os seus dias como soldado. Contudo, após a dor lancinante passar, depois que o sangue se acumulou onde não deveria, Odino não se preocupou tanto. Depois que seus olhos incharam e se fecharam, e ele não conseguia mais prever o próximo golpe, não era mais torturado pela expectativa. Depois que o zumbido em seus ouvidos silenciou a voz estridente do capitão, houve paz. E depois que suas costelas estalaram com o lampejo das agradáveis lembranças de seu passado nas catacumbas com Ivan, Lázaro, Miguel e Thateu, ele não precisou de dentes para sorrir. Afinal, a vida tinha sido boa para ele.

"*Acorde!*" gritou Bourne, jogando um balde de água no monge amarrado e ajoelhado. Odino arquejou e recuou, apoiando-se nos calcanhares.

Greville correu para o lado dele e agarrou seu braço. "Odino, pela graça de Deus, diga ao Capitão."

Odino apoiou o peso do corpo no frade enquanto gemia. "Eu... eu... busco a *Absolvição e a Unção dos Enfermos*. Não... muito tempo. Tragam... Frei Nicolau. Peço... confissão... somente a... ele."

"Chega de padres! Confesse-se para mim!" exclamou Bourne, atirando o balde e estilhaçando-o contra a parede. "Você só fala comigo !!"

Clódio, ainda segurando o peito, aproximou-se de Bourne. "Capitão, se me permite. Somos obrigados a administrar os últimos sacramentos, se necessário. É nosso dever abjeto cumprir essa regra divinamente ordenada por Sua Santidade e estritamente aplicada por tais ordens da Santa Sé. Não podemos negar-lhe uma última confissão por um sacerdote de sua escolha." Clódio sussurrou: "Peço-lhe que atenda a este seu único pedido, e em sua confissão descobriremos com Frei Nicolau onde se esconde o Lázaro Grotesco. Como seus superiores, temos considerável experiência nisso. "

meios de persuasão.”

Bourne apenas lançou um olhar fulminante para Clodius enquanto os guardas se afastavam da entrada da casa de banhos e um soldado ofegante forçava a passagem por eles. O homem aproximou-se de Bourne, recuperou o fôlego e falou: "Com a sua permissão, Capitão. Sua presença imediata é necessária na igreja."

"Para quê?" , perguntou Bourne, franzindo a testa.

O soldado examinou os rostos curiosos ao seu redor antes de se inclinar para o ouvido de Bourne e falar suavemente: "É vital, Capitão."

Bourne bufou, virou-se e deu um tapinha no peito de Clodius. O frade olhou para os nós dos dedos sangrando enquanto o capitão se dirigia a ele. "Permita que o padre receba os ritos. Ao retornar, espero saber do paradeiro do demônio. Faça com que assim seja." Clodius concordou, e Bourne se virou para o guarda mais próximo e apontou para Greville. "Certifique-se de que ele seja escoltado até o dormitório. Ele deve buscar um frade para os Extremos

Ungidos — Frei Nicolau, somente." Ele pegou uma tocha e seguiu o soldado para fora do prédio. Imediatamente, Clodius puxou Greville para perto de si e sussurrou: "Ao retornar, reúna com Nicolau de Lázaro

paradeiro. Deixe claro para ele que eu pessoalmente me encarregarei de que seus dias restantes na Abadia de Gardiens sejam cumpridos com a máxima penitência e silêncio absoluto, em reverência inabalável ao Senhor, é claro. Agora, devo seguir o Capitão — vá — e depressa, antes que Odino passe e leve para sempre consigo o conhecimento do paradeiro do Grotesco." Greville assentiu e partiu com o soldado enquanto Clodius se esgueirava para as sombras, seguindo Bourne à distância.

O capitão contornou a esquina da catedral e o soldado apontou para o muro perimetral da igreja, onde uma fileira de homens estava sentada no chão ao lado de suas botas, cuidando de seus pés descalços sob um círculo de luz de tochas.

"Aconteceu há poucos instantes, Capitão." O soldado acompanhou Bourne até a entrada lateral da igreja antes de apontar para a porta. "Veja? Ali. A névoa ardente escapa."

Bourne aproximou-se da entrada e inspecionou uma névoa negra que emanava lentamente de seu limiar, escondendo o chão. Ele se agachou e passou os dedos pela fumaça revolta, retirando abruptamente as pontas dos dedos cheias de bolhas.

O soldado comentou: "De fato, capitão. E cheira a morte."

Bourne cheirou os dedos enquanto se afastava da neblina. Ele observou a catedral. Soldado, quero que se dirija depressa ao alojamento e informe o sargento de armas que Convoco um terço dos seus homens mais descansados para se reunirem no poço da Abadia. Baldes estão ao lado. Os homens deverão tirar água, recolher terra e misturar baldes de lama. Quero todos.

Rachaduras e fendas seladas. Enterre a igreja inteira, se necessário.

“Sim, capitão.” O soldado assentiu com a cabeça e saiu correndo.

Sob a luz de sua tocha, Bourne examinou as pontas dos dedos doloridas e refletiu sobre a tortura que estava sofrendo.

Frei Grate deve ter sofrido. O som de passos chamou sua atenção para um guarda que se aproximava apressadamente. O homem parou, recuperou o fôlego e dirigiu-se a ele: “É urgente, Capitão!”

“O quê, agora?”

O soldado apontou para o teto da catedral. “As estátuas se movem!” Bourne lançou um breve olhar para cima antes de estreitar os olhos para ele. “Se me permite, elas podem ser vistas contra a luz da lua.”

“Mostre-me”, respondeu Bourne. Enquanto o guarda escoltava Bourne para o lado oposto do... catedral, o capitão o advertiu: “E é melhor que eles se movam, para que eu não o faça mover você.”

“Eles se movem”, assegurou-lhe o soldado.

A cada evento bizarro que Bourne vivenciava desde sua chegada à Abadia, uma nova descoberta macabra não passava de mais um clichê em uma lista cada vez maior de acontecimentos surreais. “Eu estava convencido, pode-se dizer isso.”

Frei Clódio espreitava pelo canto escuro do refeitório, seu olhar penetrante fixo em Bourne. e a guarda enquanto circulavam a catedral. O capitão juntou-se a vários soldados que se reuniram abertamente para inspecionar as partes superiores da igreja. Os homens apontaram para cima, e Bourne alinhou-se em linha reta com a lua. Clódio esgueirou-se por entre os arbustos para ter uma visão melhor daquilo que lhes cativava a atenção.

Aconchegando um livro, um crucifixo e um frasco com rolha, Frei Nicolau saiu correndo do dormitório. Uma tira de tecido ricamente decorada drapeava seu pescoço como um cachecol, com as pontas onduladas chicoteando ao vento. Enquanto o jovem frade abria caminho em meio a uma fileira de sentinelas desavisados com tochas, Greville e sua escolta de soldados correram atrás de Nicolau, gritando para que lhe dessem passagem. Nicolau chegou ao balneário e empurrou os soldados, gritando sem parar: “Ele é um padre — um homem de Deus! Como vocês puderam permitir que seu capitão —”

Nicolau entrou e paralisou. Na luz bruxuleante da tocha de um soldado, não reconheceu o amontoado de vestes e sangue que jazia encolhido contra a base do poste da casa de banhos. Observou os guardas ajoelhados que seguravam a cabeça de um frade, pressionando um pano úmido contra seus olhos vermelhos e inchados. Nicolau correu para a frente. Colocou seus pertences ao lado do frade ferido antes de examiná-lo. “Não”, disse ele, com os olhos marejados. “Houve um engano. Este não é ele.” Virou-se e encarou.

no chão, rindo e chorando em seu luto. "Isso não é—"

Nicolau saltou sobre o guarda mais próximo e bateu com a cabeça contra as lajes. Os soldados restantes o cercaram e o afastaram.

"Nicolau! Não! Não há tempo!" A voz rouca de Odino prontamente acalmou a fúria do jovem frade, que caiu inerte e soluçou. Em seguida, recolheu seus pertences antes de repreender os soldados. "A extrema-unção exige a privacidade!" Os soldados olharam para Greville, que acenou solenemente com a cabeça antes de se retirar para a entrada do balneário. Os homens seguiram Greville, saindo do prédio.

Odino sussurrou para Nicolau: "Aproxime-se, rapaz. Há algo que você precisa saber." O jovem frade aproximou o ouvido dos lábios do monge abatido. Enquanto Odino falava, os olhos de Nicolau se arregalaram. Ele se afastou, olhou fixamente para Odino e perguntou: "Lázaro é um deles?"

"Cale a boca", sussurrou Odino, lançando um breve olhar para Greville com os olhos quase fechados pelo inchaço, antes de continuar. "Preciso de uma tarefa sua." Nicholas ouviu atentamente, assentindo com a cabeça de vez em quando. Odino começou a tossir e apoiou a cabeça no poste. "Agora, me dê sua palavra de que cumprirá a tarefa, Nicholas."

O jovem frade enxugou as lágrimas do rosto. "Mas você vai morrer! O que você pede—"
"Eu já estou morto!", interrompeu Odino. "Agora, jure-me o que me prometeu!"
Nicholas respirou fundo e suspirou. "Seja feita a tua vontade, como desejas."

Com os dedos trêmulos, o sacerdote ajustou o pano ornamentado que lhe envolvia o pescoço. Beijou-o antes de erguer um frasco de óleo bento ao seu lado. Em seguida, destampou o frasco e parou para olhar para Odino. Entre tosses, o monge esforçou-se para esboçar um sorriso reconfortante para Nicolau, embora só conseguisse discernir seu amado jovem aprendiz como um mero contorno sombrio à luz da tocha. Mesmo assim, Nicolau reconhecia a dor e a determinação veladas por trás do gesto de seu mentor. Inclinou o frasco e, com o polegar, fez um leve sinal da cruz sobre a testa, os lábios e o coração de Odino. Depois, abriu um livro das Escrituras.

Odino orou: "Perdoa-me, Senhor, pelas minhas transgressões passadas contra Ti". Enquanto continuava com sua confissão, Nicolau inclinou-se sobre ele, murmurando passagens em latim da Unção dos Enfermos.

Por fim, Nicolau abriu os olhos e dirigiu-se a Odino: "Em nome de Cristo, absolvido estás, Delon Odino des Gardiens."

Odino tossiu e disse com a voz rouca: "Vamos continuar com isso, Nicholas."

O jovem frade lançou um olhar furtivo para trás e viu um curioso Greville debruçado na porta com sua tocha. Nicolau, às escondidas, despejou o óleo do frasco. Levantou a cruz de metal, mordeu o lábio e conteve a respiração engasgada enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas. Então, escondeu-se atrás de Odino e segurou firmemente a mão que lhe foi estendida. Nicolau deslizou a lâmina afiada da cruz contra a carne dos dedos do monge e, com um puxão forte, abriu um corte profundo. Subitamente, um jato de sangue escorreu pelos dedos de Odino e Nicolau direcionou o fluxo quente para dentro do frasco.

Greville avançou rapidamente e iluminou-os com sua luz. "Você não deve desamarrá-lo, Nicholas!"
"Eu não o desamarro."

Greville reparou no frasco. "Sangria não faz parte da extrema-unção. Você deve matá-lo!"
"Cuide da sua vida, Greville! Faz parte do seu último pedido."

"É o fim, então, se ele desejar apenas a morte." Greville deu de ombros, entorpecido por tudo o que testemunhara naquele dia, enquanto se retirava para a entrada da casa de banhos.

Com o frasco quase cheio, Nicolau o tampou apressadamente, deslizou o pano ornamentado do pescoço e entrelaçou os dedos de Odino com força. Ele se virou para Odino e sussurrou: "Está feito, Frei."

"Assim será feito", respondeu Odino, com os olhos inchados. Com um sorriso persistente, virou a cabeça como se estivesse admirando uma bela paisagem.

"Odino?" Nicolau colocou a mão no ombro do monge e o sacudiu gentilmente.

Odino assentiu com a cabeça e respondeu delirantemente: "Ele é um pássaro numa gaiola, Ivan. Outro mundo o aguarda."

"Odino?" Nicholas o sacudiu novamente.

O monge prosseguiu: "Oh, sim! Lázaro não saberá o que fazer com isso. Ensinarei-lhe a montar um cavalo." Ele riu com dificuldade. Nicolau recostou-se e chorou. Uma expressão preocupada tomou conta do rosto de Odino. "O que faremos com os cavalos? Soldados guardem os estábulos."

O jovem frade, em prantos, beijou Odino nas faces. "Vai com Deus, meu amigo."

"Ele nunca viu um cavalo", comentou Odino, sorrindo. "Ele voará como o vento!"

Nicolau agarrou o frasco quente e se levantou, deixando as Escrituras encadernadas ao lado de Odino, também amarrado. O jovem aprendiz ficou de pé e chorou, agora tão cego para o que o cercava quanto seu mentor moribundo. Ele não chorava porque os pensamentos de Odino estavam voltados para Lázaro em vez de para si mesmo. Nem se perturbava com a ideia de que Odino não tinha mais consciência dele. Ele chorava porque a parte mais pura de si estava morrendo junto com Odino.

O som estridente de uma corneta de batalha ecoou pelos terrenos da Abadia. Nicholas enxugou o rosto e se virou para ver Greville sair pela porta enquanto os guardas abandonavam seus postos, correndo em direção ao chamado às armas. Um soldado a cavalo quase atropelou Greville, que cambaleou de volta para dentro do edifício.

Nicolau dirigiu-se a Odino, curvando-se profundamente: "Seja feita a tua vontade, meu amigo." Ele se virou e correu em direção à porta quando Greville lhe bloqueou o caminho. "Aonde vai com esse frasco, frade? Não posso permitir que saia da casa de banhos. Se pudesse, por gentileza, esperar por—"

"*Crack!*" Sem dizer uma palavra, ele acertou um soco no queixo de Greville, arremessando-o contra a parede junto com sua tocha. O jovem frade berrou enquanto saía furioso do prédio. "Odino está acabado! Ivan está acabado! E agora eu também estou acabado!" Nicholas correu em direção ao dormitório com tudo o que lhe importava: a garrafa térmica com água quente, as últimas lembranças de seu santo mentor e um par de botas pesadas e bem costuradas, que ele adorava e que estavam escondidas sob as dobras de uma túnica de monge, as quais certamente poderiam ajudar a selar uma promessa solene que fizera em homenagem ao último pedido de Odino.

O pátio fervilhava enquanto silhuetas de soldados correndo irrompiam pelo portão sul da Abadia, abandonando a busca no cemitério. Uma linha de fogo marcava o terreno enquanto uma procissão de sentinelas com tochas saía do dormitório em direção à catedral. Homens gritavam, armaduras tilintavam e cascos de cavalos trovejavam ao som incessante de uma corneta de chamada — uma formação maciça de coordenação militar agora dominava o mosteiro.

Greville acordou, se mexeu e deu um tapa na manga fumegante. Ao lado dele, no canto. Na saída da casa de banhos, uma coluna de chamas rodopiantes engolfou um monte de vestes que Ivan usara em sua fuga. Ele cambaleou para fora do prédio, sufocando. Clódio o agarrou.

"Um incêndio está alastrando!" Greville exclamou, esfregando o queixo. "Nicholas escapou." Clódio puxou-lhe o braço. "Não importa! Venha comigo!" Os dois frades deixaram o brilho alaranjado da porta da casa de banhos e esgueiraram-se para a escuridão, contornando o lado sombreado do refeitório antes de mergulharem atrás da cobertura dos arbustos de zimbro. Afastando os arbustos, observaram os soldados se organizarem em fileiras ininterruptas que circundavam todo o perímetro da catedral. Cavalos transportavam carroças de munição pelo portão norte da Abadia, enquanto gritos sobrepostos de ordens severas ecoavam pelo terreno vigiado.

“Por que eles se reúnem?”

Clódio ignorou a pergunta de Greville, deu-lhe um tapinha no ombro e apontou para a base da muralha da Abadia. “O Capitão colocou uma pedra sobre os pergaminhos — ali mesmo, além do soldados. Vocês conseguem ver isso?”

Greville forçou a vista. “Mas não há onde nos esconder. Seremos pegos!”

“Não conseguirá, desde que tenha pressa excessiva.”

Greville se virou bruscamente. “Eu?” , perguntou, incrédulo.

“Mantenha-se junto à base da muralha e a escuridão será sua cobertura. Os soldados vigiam apenas a catedral.”

Greville engasgou. “É você quem busca adquiri-los!”

Clódio agarrou um punhado da túnica de Greville. “Temos pouco tempo! Veja? Ali!” Ele apontou para o teto da catedral. Greville olhou para cima e descobriu uma centena de estátuas de pedra contorcendo-se como um ninho de serpentes sonolentas. As estátuas se aglomeravam perto de cada borda dos terraços.

“Meu Deus! Eles se movem!” , exclamou Greville, fazendo o sinal da cruz sobre si.

“De fato!” Clódio o sacudiu. “Precisamos fugir deste lugar — e com essas páginas. Agora, busque-as enquanto ainda temos tempo. Andem!”

Greville se desvencilhou do frade intrometido. “Já se esqueceu do destino de Ivan nas mãos do Capitão? Não serei morto por causa de um rolo de papéis!”

— Muito bem — cuspiu Clódio, erguendo o queixo. Ele girou e começou a descer a parte de trás do refeitório, resmungando. “Quando eu conseguir um comprador para eles, não esperem nenhum tipo de compensação ou compaixão!”

Greville gritou atrás dele: “E quando o Capitão te golpear com a espada, não esperes compaixão nem a extrema-unção!” Clódio o dispensou com um gesto petulante e desapareceu na escuridão. Greville se virou e afastou os arbustos para ver um cavalo blindado com uma tocha a galope vindo do canto mais distante da catedral. O Capitão Bourne diminuiu a velocidade do cavalo e ergueu a tocha sobre as cabeças dos soldados ocupados que recolhiam munições de uma carroça que passava lentamente.

“Lanças e piques, ouçam-me agora!” , exclamou Bourne para as fileiras de homens que circundavam a igreja. “Mantenham-se rentes ao chão — bem abaixo das pontas das suas armas. Apoiem suas armas contra o solo e preparem suas espadas na mão esquerda. Aqueles que tiverem facas longas, desembainhem-nas e cravem-nas ao lado do pé da frente. Ao meu sinal, mostrem suas espadas, gritem bem alto e atraiam os demônios do telhado para cima de suas armas. Sargentos da Guarda, transmitam minhas ordens!” Oficiais montados gritaram por cima dos capacetes da formação que circundava a igreja, repetindo as ordens de Bourne. Lanceiros e piqueiros avanç

Avançaram com espadas brandidas e formaram a primeira linha de defesa.

“Besteiros, ouçam-me agora! Ao meu sinal, vocês poderão disparar suas armas à vontade.” Mantenham-se de joelhos e não guardem seus virotes. Reúnam-nos no chão ao seu lado. Gastem todos os seus virotes e defendam os homens à sua frente. Sargentos da Guarda, executem minhas ordens!” Enquanto os cavaleiros blindados instruíam a formação, uma onda de besteiros avançou, cobrindo os piqueiros com suas armas.

Bourne observou o telhado da catedral antes de conduzir seu cavalo ao lado da crescente multidão. “Flechas, ouçam-me agora! Distribuam-se uniformemente. Posicionem-se atrás dos besteiros e cubram as fileiras da frente. Aqueles que usam a boca para disparar flechas precipitadamente, não mordam mais do que duas. Gastem todas as suas flechas nos demônios antes de chamarem seus fornecedores!” Uma muralha de arqueiros avançou, e Bourne virou seu cavalo, gritando: “Fornecedores, ouçam-me agora! Sejam rápidos e firmes em suas carroças. Mantenham-se abaixados e depositem suprimentos aos pés de seus soldados, sinalizando-os com um tapa não mais alto que a bota. Sargentos da Guarda, cumpram minhas ordens!”

E quando o Capitão transmitiu as instruções às suas fileiras de soldados de infantaria, Greville avistou a tênue silhueta de Clodius avançando e parando abruptamente, movendo-se timidamente ao longo da base da muralha da Abadia. Ele avançava em sintonia com a direção sempre mutável da atenção de Bourne.

Bourne ergueu a mão e preparou seus homens. “Besteiros, disparem o primeiro tiro contra os demônios! Mirem bem no meio deles. Piques e lanças, ao meu sinal!” Bourne examinou as saliências superiores da igreja antes de acenar com o braço. “Disparar!” Enquanto uma saraivada de virotes cobria a catedral e uma chuva de faíscas explodia sobre as estátuas grotescas de pedra, Clódio avançou, virou a pedra, agarrou os pergaminhos e correu em direção ao refeitório. Os piqueiros batiam espadas contra lanças, zombando, enquanto os besteiros recarregavam às pressas.

As estátuas rastejavam até a beira do telhado, observando o exército que as convocara. Em aparência, não havia duas bestas de pedra iguais. Sob a lua cheia, seus traços grotescos eram claramente visíveis. Algumas tinham cabeças de pássaros, outras de cães e serpentes. Seus corpos eram misturas de várias bestas — parte leão, parte humano e parte porco — e possuíam garras, presas, cascos e caudas. Cada uma se assemelhava a uma composição horrenda de diversas criaturas, mas, em toda a sua singularidade, compartilhavam uma característica comum: nas costas de cada uma, pendia um par de asas membranosas e extensas.

“Soltem!” Outra onda de parafusos foi lançada, e outra chuva de faíscas engolfou as figuras grotescas de pedra, incitando-as a uma fúria de asas rangentes, dentes afiados e garras afiadas. Gritos e rugidos ecoaram pelos terrenos da Abadia enquanto elas se voltavam umas contra as outras, lutando por espaço nas saliências dos terraços. Elas despencaram, ultrapassando o telhado da catedral e caindo sobre os soldados como um bando de corvos de granito sobre um campo iluminado pelo luar.

“Lanças! Flechas! Homens de armas!” gritou Bourne. Mas as fileiras se romperam, as armas caíram e os soldados se dispersaram. O inferno da diversão estava em curso.

Clódio correu pela lateral do refeitório com as páginas enroladas, passando por Greville enquanto gritava: “Depressa! Não olhe para trás!” Os dois frades atravessaram o pátio correndo, fugindo dos gritos e urros de um ataque terrível. Clódio saltou para os arbustos atrás do balneário, agarrando Greville. “O portão sul está desprotegido! Vamos contornar o muro externo da Abadia, seguir para os estábulos e pegar um cavalo!” Clódio saiu dos arbustos e disparou pela lateral sombreada do balneário.

Greville correu atrás dele, tropeçando em um monte de pessoas vestidas com túnicas e rolando em direção ao luar.

Só então ele descobriu o corpo de Ivan, com os olhos vidrados. Greville levantou-se rapidamente, chamando por Clodius. Clodius parou e olhou para trás, e Greville viu o branco dos seus olhos e uma expressão de terror estampada no rosto. Greville congelou.

“Não se vire”, cuspiu Clódio, recuando em direção ao portão da Abadia. “Encontrarei você em os estábulos.”

Greville olhou por cima do ombro e avistou uma grande criatura grotesca de pedra que o perseguia furtivamente. Era semelhante a um grifo, com o corpo alado de um leão e a cabeça e garras gigantes de um dragão. ave de rapina.

Greville encostou-se à parede da casa de banhos, soluçando. "Ajude-me, Clódio." A cada passo trêmulo em direção à entrada, a besta de granito avançava. "Pelo amor de Deus, mande-a embora!" Em vez disso, Clódio fugiu. Greville gritou, correndo pela esquina do prédio e se escondendo na fumaça que saía de lá.

da entrada da casa de banhos. Um monte brilhante de vestes iluminava seu interior pouco nítido.

Greville escondeu-se atrás de um poste central, agachado nas sombras atrás das costas largas de um Odino ensanguentado e sempre sorridente, que encarava apenas uma fenda no chão. Odino estava morto demais para salvar o manto choroso da abominação que agora atravessava a porta, vasculhando a escuridão e arranhando as lajes.

Clódio correu para um local seguro, colidindo com soldados que já haviam abandonado seus postos. As páginas preciosas do frade estavam espalhadas pelo chão, e ele as recolheu em seu colo.

De quatro, ele correu em direção ao portão sul, com a boca escancarada de medo, tão aberta que soltou um grito terrível que ecoou pelo pátio, quando uma estátua voadora desceu em um mergulho e o arrancou do chão. A grotesquice daquilo não se comparava a nenhuma atrocidade que já tivesse voado do teto da catedral, pois tinha o corpo de uma serpente, a cabeça de um bode e pernas como as de muitas aranhas rastejantes. A abominação carregou Clódio por cima do muro da Abadia e bem alto no céu — alto o suficiente para que toda a região ouvisse o terror duradouro em sua garganta. Arrastou o bom frade para o meio de florestas intocadas, para os lugares mais escuros, marcados apenas por um rastrão e páginas frágeis que choviam dos céus negros.

Ainda dentro da Abadia, o Capitão Bourne e onze soldados a cavalo saíram em disparada. Portão norte, galopando por uma clareira e subindo a estrada da Abadia em direção à vila de Murat. "Fiquem juntos!" , gritou Bourne, "Espadas em punho e cabeças baixas! Mantenham-se escondidos sob as árvores!" Mas a cada espaço aberto na floresta, um grito anunciava a perda de mais um homem arrancado de seu cavalo. A cada golpe, mais um cavalo jazia esmagado sob as garras de pedra. De fato, a noite pertencia a um Anjo sinistro, rindo e caminhando de um lado para o outro nas profundezas da terra.

Assim, com apenas algumas palavras recitadas de uma coleção quase esquecida das Traduções de Naramsin, o Cardeal Jean-François Blasi destruiu sozinho uma das duas abadias mais fortificadas da Santa Sé — *a Abadia dos Guardiões* — e esmagou a companhia mais capaz da Guarda Real de Sua Majestade — as tropas de elite do Capitão Bourne . No instante fugaz necessário para que as efêmeras acasalem e morram, em um único ato blasfemo, a missão de vingança de um homem custou a vida de quatrocentos soldados, sacerdotes e escudeiros, ao mesmo tempo que abria o segundo dos três Portões de Pedra e enfraquecia ainda mais o Grande Selo, que servia como a própria pedra angular do Grande Abismo.

Bem abaixo da Abadia em ruínas — muito abaixo das catacumbas em chamas — das profundezas do Inferno, ecoou o riso seráfico de Lucifael, pois a ocasião maldita merecia toda a sua atenção.

~*~

Durante metade de uma noite, Lázaro viajou precisamente para oeste sob uma lua cheia e um mar de estrelas. Escalou as colinas rochosas e indomáveis da província de Auvergne e prosseguiu através de sua vasta e sombria paisagem — tudo desconhecido para seus sentidos. Ao longo do caminho, quando os acessos de medo davam lugar a momentos de calma que lhe permitiam uma pausa para a reflexão interior, ele considerada a causa principal de tais sentimentos perturbadores.

Em suma, Lázaro só conhecia os limites das catacumbas da Abadia — o mundo subterrâneo que deixara para trás. As paredes dos túneis permaneciam firmes, seus caminhos sólidos e guias, imutáveis. A previsibilidade constante das catacumbas acalmava qualquer perturbação momentânea que o afligisse, e agora, reunir-se àquele lugar e àqueles com quem ali vivera servia a um propósito semelhante. Só que agora, ele sabia que talvez nunca mais os visse — seu coração pesava como granito em seu

Lázaro já conhecia bem os mecanismos de seus sonhos e suas paisagens visuais em constante mudança. Por exemplo, caso seus sonhos se transformassem em um pesadelo sem fim, ele sempre era capaz de acordar, ainda que apenas para conjurar uma representação mais agradável e previsível deles. E Lázaro frequentemente sonhava com um mundo além enquanto explorava as catacumbas, reunindo cada detalhe que aprendera sobre aquele lugar extraordinário. Contudo, jamais imaginara que se apresentaria como um pesadelo tão imprevisível e inescapável como agora. Não havia caminhos nem lajes sinuosas — a paisagem irregular e imprevisível parecia se estender em todas as direções. Talvez a raiz de seus sentimentos perturbadores estivesse enterrada na ideia inquietante de que simplesmente não conseguia despertar daquele momento e se reanimar ao som familiar da voz de seu pai, chamando-o para reacender as tochas das catacumbas.

Um Lázaro cansado e com frio escalou a última de muitas cristas traiçoeiras. Ele parou no topo dela. com a crista à mostra, sua túnica suja esvoaçando como um estandarte ao vento leste impetuoso. Através de buracos escuros nos olhos, ele examinou um vale profundo, um leito de rio seco e rochoso. Do outro lado do vale pedregoso, a face íngreme de um penhasco se erguia contra a encosta de uma pequena montanha, e na base do rochedo, Lázaro descobriu a impressionante semelhança entre um rosto marcado e uma *boca que uivava — a Boca da Montanha*. Com uma determinação implacável, igual à de Ivan, ele ergueu os ombros e desceu a crista como um homem orgulhoso condenado à forca. Caminhou pelo vale sombrio de pedras em direção ao penhasco, até que sua boca escancarada o engoliu.

[Fim do Capítulo 8]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~